



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

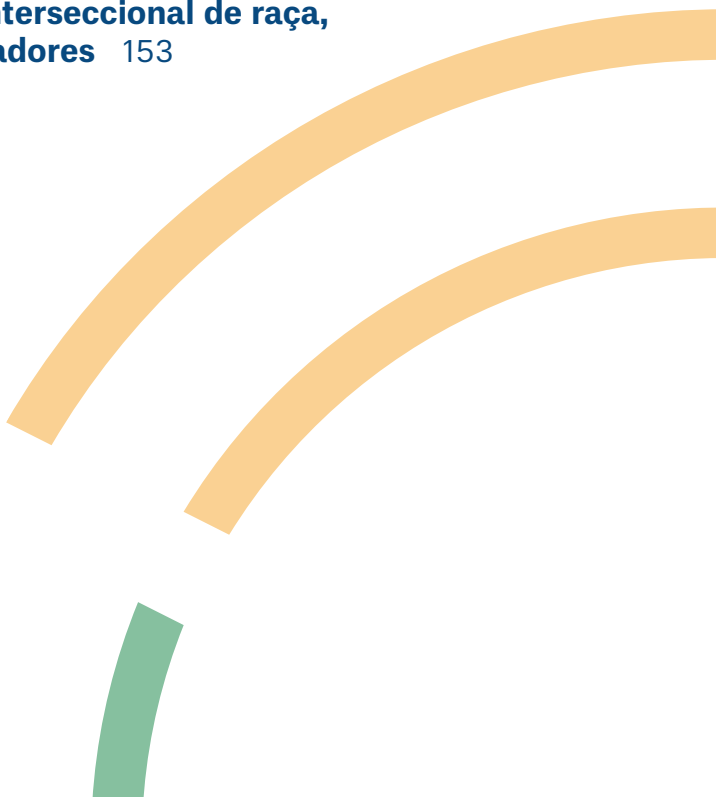
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161









Parte 1

Nossos passos vêm de longe



Jornalista, professora, pesquisadora negra amefricana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada

Dione Oliveira Moura

Nunca foi fácil. Ser mulher, ser negra amefricana, ser docente negra no Brasil. Como jornalista, se olho nas estatísticas – e preciso fazê-lo como cientista –, salta aos olhos que, no jornalismo brasileiro, têm se mantido os níveis de desigualdade salarial (as mulheres jornalistas não negras têm maior salário que as jornalistas negras; os jornalistas não negros têm melhor salário que os jornalistas negros e, por fim, os jornalistas negros têm melhor salário que as jornalistas negras), como apontam relatórios de âmbito nacional. E assim trago relatos de minha vivência sócio-histórica como jornalista, professora, pesquisadora negra e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB.

Meus estudos sobre a trajetória e o perfil de jornalistas negras brasileiras, os quais realizo por meio de projetos de pesquisa em equipes integradas, trazem resultados para o que designo como o “triplo telhado de vidro” (barreiras verticais) que cerceia a carreira das jornalistas negras brasileiras. Nos trabalhos de campo também tenho identificado outro tipo de cerceamento, que chamo de “paredes de vidro” (barreiras horizontais).

Além disso, tenho pesquisado o papel de Lélia Gonzalez como referência para nós jornalistas negras (Moura; Santos, 2020; Moura; Almeida, 2020), em estudos preconizados

pela trilha que iniciei no mestrado nos anos 1990 (Moura, 1991). O projeto principal que desenvolvo atualmente pretende impactar a compreensão pública sobre o papel das comunicadoras mulheres, notadamente as comunicadoras mulheres negras, e também tem sido resultado do meu desempenho como orientadora de trabalhos finais de curso, iniciação científica, mestrado e doutorado, nos quais tenho formado mulheres negras e não negras por meio de orientação em projetos de pesquisa na temática “comunicação/igualdade racial”. Além disso, esses trabalhos dialogam com outros estudos, que trago a seguir e que materializam minha vivência a partir de uma epistemologia afrocentrada.

No início dos anos 1990, precisamente em 1991, defendi minha dissertação de mestrado – *Memória e identidade em filmes de cineastas negros brasileiros* (Moura, 1991). Há exatos 30 anos, pois, em relação ao momento em que escrevo este capítulo e organizo este livro, adentrei no campo de pesquisa que enlaça identidade racial, comunicação e memória – construindo-me desde uma subjetivação amefricana, uma epistemologia afrocentrada, ao tempo que parto de uma experiência sócio-histórica afrocentrada, que me antecede, mas que eu poderia, eventualmente, não reconhecer.

Felizmente reconheço a afrocentralidade do meu percurso epistemológico, ao ponto que iniciei meus trabalhos com as obras de cineastas negros brasileiros e prossigo perpassando os estudos sobre a questão racial na cobertura midiática. Dou destaque a trabalhos orientados, todos relacionados aos meus projetos de pesquisa, como as dissertações que orientei, das autoras Mello (2009) e Rosa (2011); a tese que orientei, de Quirino (2017); e a tese que oriento, de Juliana Nunes, em desenvolvimento, sobre comunicação quilombola. A temática quilombola também está presente na graduação, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que orientei, da dupla Flávia Maia Pimentel Vieira e Janine Moraes Rocha (2009), assim como na Pós-Graduação (Nunes, 2013).

O mesmo tenho feito nos TCCs, como na pesquisa que orientei acerca de um (infeliz e injusto) genocídio de jovens negros (Costa, 2020). Na pesquisa que orientei, de Rebeca Silva (2020), fomos diretamente ao ponto da empregabilidade das mulheres negras. Também a pauta das mulheres negras ressurge no *webdocumentário* que orientei, de autoria de Emily Azarias (2016). Ainda na graduação, orientei os trabalhos de Carmen Cira Lustosa Costa (2004), sobre Machado de Assis cronista e a abolição, e de Aida Feitosa (2003), que investigou a cobertura da questão racial no jornal *Correio Braziliense*, especificamente as relações temáticas entre textos opinativos e informativos. Com outra dupla de estudantes, Aline Paiva Santos e Zany da Cruz Silva (2003), orientei o Projeto Experimental em Jornalismo sobre os negros no telejornalismo brasileiro, seguido por vários outros nas duas décadas seguintes, a exemplo de Santos (2021). Em 2022, mais dois TCCs se desdobraram a partir do meu projeto de pesquisa sobre jornalistas negras (Amorim, 2022; Rodrigues, 2022).

Também tenho desenvolvido, como desdobramento do pós-doutorado, ao estudar jornalistas negras brasileiras (Moura; Costa, 2018; Moura, 2019; Moura; Almeida, 2020), o projeto “Cartas para o Amanhã, inspirações em Lélia Gonzalez” (Moura; Santos, 2020), o qual desdobra-se em ações de iniciação científica e de extensão já desenvolvidas e também em desenvolvimento.

Os trabalhos citados são apenas alguns de tantos outros estudos de graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado, com os quais muito tenho/temos aprendido nos grupos de pesquisa e que conduzi e tenho conduzido nesse constructo de uma epistemologia afrocentrada, a qual só pode fazer-se compreensível desde a perspectiva que percebe as peculiaridades dos processos comunicacionais marcados pela pauta da desigualdade racial e pela necessidade da igualdade racial.

Ao relatar minha carreira, recorro ao suporte conceitual de *linhas de força*, como proposto por Foucault (Deleuze, 2005), as quais se estabelecem no saber, poder e nos processos de subjetivação. Não seria diferente nos processos de subjetivação de uma carreira universitária, proponho. Foucault, segundo afirma Deleuze (2005, p. 124) “não faz uma história das instituições, mas das condições nas quais elas integram relações diferenciais de forças, no horizonte de um campo social”. E, uma vez que a construção de minha carreira docente está inserida em uma universidade pública – a Universidade de Brasília –, observo sim que a forma como a UnB integrou e tem integrado tais “relações diferenciais de forças” faz parte de como tenho materializado minha atividade intelectual.

Essa carreira, pelas relações diferenciais de forças com as quais a UnB interage e interagiu, ganha contornos específicos nos horizontes do campo social (sempre em mutação) dos 60 anos da Universidade e de meus 26 anos de atuação na carreira docente. Ao retornar pelo caminho traçado em todos esses anos e visualizar as linhas de força que interagiram com minha carreira acadêmica para elaborar o presente memorial, tive que revisar o sentido nato de cada decisão de carreira, sentido esse que deu partida a alguma trajetória específica. Destaco, neste capítulo, duas dimensões: a dimensão das ações afirmativas para inclusão étnico-racial; e a dimensão da pauta de igualdade de gênero.

Em síntese, no meio do trajeto dessa carreira de três décadas como pesquisadora – desde o mestrado em 1991 até o ano de 2022 –, houve um evento muito importante em minha trajetória profissional e como intelectual negra: em 6 de junho de 2003, por votação do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UnB (Cepe), tornei-me relatora do projeto de ações afirmativas que deu uma guinada na história da educação brasileira.

Na tarde daquele dia, o Cepe da UnB aprovou o sistema de cotas para negros e o ingresso de indígenas por meio do Plano de Metas para a Integração Social, Étnica e Racial da UnB, processo que completa 20 anos em 2023 – de mãos dadas com a construção da história da Universidade de Brasília –, no qual também tenho constituído minha subjetivação a partir de uma epistemologia afrocentrada.

Referências

- AMORIM, Maria Antonia Meneses Marquez de. *As vozes por trás do triplo teto de vidro: mulheres negras no telejornalismo do DF*. Monografia (Curso de Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2022.
- AZARIAS, Emily Almeida. *Kurialuka*: webdocumentário sobre o autocuidado entre mulheres negras. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- COSTA, Carmen Cira Lustosa da. *Machado de Assis Cronista e a Abolição dos Escravos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- COSTA, Hallana Moreira Ramalho da. *Caso George Floyd: uma análise do enquadramento das notícias de casos de racismo e injúria racial na imprensa brasileira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Brasília, 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FEITOSA, Aida Rodrigues. *Análise de conteúdo da cobertura da questão racial no jornal Correio Braziliense: relações temáticas entre textos opinativos e informativos*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2003.
- MELLO, Rachel Pereira de. *O Mesmo e o Outro, as relações raciais no Brasil no discurso do jornal O Globo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2009.
- MOURA, Dione Oliveira. *Memória e identidade em filmes de cineastas negros brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- MOURA, Dione O.; COSTA, H. M. R. Mulheres jornalistas e o “teto de vidro raça/gênero/classe” a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Mônica (org.). *Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo*. 1. ed. São Paulo: Life, 2018. p. 193-207.
- MOURA, Dione O. Excluídas dentre as excluídas: as jornalistas negras perante o “teto de vidro gênero/raça/classe” no processo de feminização do jornalismo no Brasil. In: BELISÁRIO, Kátia; MOURA, Dione O.; GUAZINA, Liziane S. (org.). *Gênero em pauta: desconstruindo violências, construindo novos caminhos*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. p. 139-151.
- MOURA, Dione Oliveira; ALMEIDA, Tânia Mara C. de. Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez. *Arquivos do CMD*, v. 8, p. 27-45, 2020.
- MOURA, Dione Oliveira; SANTOS, Elen Cristina Ramos dos. O encontro da Vigilância Comemorativa com a epistemologia negra e o feminismo negro: um dos lugares-memória de Lélia Gonzalez. In: MOREIRA, Marcos; SANTOS, Ivair Augusto dos (org.). *As estruturas dissimuladas do racismo: história, memórias e resistências*. 1. ed. Porto Alegre: Nova Práxis, 2020. v. 1, p. 167-189.

NUNES, Juliana César. *Comunicação quilombola – cenários de mobilização, visibilidade e empoderamento*. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

QUIRINO, Kelly Tatiane Martins. *Enquadramentos e advocacy sobre o genocídio de jovens negros: análise da cobertura da Folha de S.Paulo*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. *Racismo em pauta: a pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S.Paulo na primeira década de 2000*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RODRIGUES, Juan Caballero. *Imprensa Negra Contemporânea: o portal Notícia Preta e seus meios de financiamento no ambiente digital*. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2022.

SANTOS, Aline Paiva; SILVA, Zany da Cruz. *Onde estão os negros no telejornalismo brasileiro? Enfoque nos telejornais da Rede Globo de Televisão*. 2003. Monografia (Graduação em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

SANTOS, Iara de Jesus dos. *Ir à luta e garantir nossos direitos*. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, Rebeca Borges. *Conexões Negras: diagnóstico da demanda de jovens mulheres negras do Distrito Federal pela criação de uma plataforma digital sobre mercado de trabalho, capacitação e empreendedorismo*. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

VIEIRA, Flávia Maia Pimentel; ROCHA, Janine Moraes. *Alcântara: da terra de preto à utopia espacial*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

123



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice